

Método: Foram coletados dados de cães e gatos atendidos entre janeiro de 2009 e dezembro de 2013 em um hospital veterinário e diagnosticados com CE em TGI. Os dados coletados incluíram espécie, raça, sexo, idade, peso, presença de manifestações clínicas e tempo de apresentação, exame diagnóstico, caracterização do CE, tratamento e recuperação. **Resultados e Discussão:** Foram incluídos 153 animais - 139 cães de 32 raças diferentes e 13 gatos de duas raças diferentes; 91 animais apresentavam manifestações clínicas que levavam à suspeição de ingestão de CE. Exames de imagem incluíram RX, US, TC e endoscopia, ressaltando a importância de uma boa infraestrutura hospitalar, pois alguns CE só podem ser identificados com a complementação de exames. A maioria dos cães apresentou CE metálicos. A maioria dos felinos apresentou CE lineares. **Conclusão:** Cães e gatos podem ingerir CE, embora os cães o façam com muito mais frequência e os gatos, quando o fazem, mostram predileção por CE lineares. A complementação dos exames de imagem é ideal para a detecção, mesmo que ocorra de forma incidental. A resolução dos quadros pode ocorrer de forma espontânea ou por meio de intervenções cirúrgicas, sendo a gastrotomia com enterotomia e a toracotomia com esofagotomia as modalidades de escolha; há a possibilidade de a remoção ser efetuada por endoscopia, que é um procedimento pouco invasivo e de grande praticidade.

CISTITE ENFISEMATOSA EM UM CÃO NÃO DIABÉTICO

MARTEORELLI, C. R.1; CARAGELASCO, D. S.1; CHACAR, F. C.1; GARLA, N. M.*1; KOGIKA, M. M.1

1 Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP)
E-mail: cinthiarm@usp.br

Introdução: A cistite enfisematosa (CE) é um tipo incomum de infecção do trato urinário (ITU), caracterizada pelo acúmulo de gás no lúmen da vesícula urinária. As manifestações clínicas da CE estão relacionadas à ITU, além de pneumatúria (eliminação de gás durante a micção). A patogênese da CE não está elucidada, sendo *E. coli* a bactéria mais frequente, seguida pela *Klebsiella spp.*, *Proteus spp.*, *Clostridium spp.* e *Enterobacter aerogenes*. A CE pode ser visibilizada por meio de exame radiográfico e as causas iatrogênicas de pneumatúria devem ser descartadas. **Relato de Caso:** Foi atendido um labrador com doença renal crônica (DRC), estágio 3 (segundo classificação da IRIS), cujo proprietário referiu pneumatúria e desconforto abdominal. No exame radiográfico abdominal foi visibilizada a presença de gás no lúmen da vesícula urinária. Na urocultura, houve o crescimento de *Enterobacter aerogenes* (>100.000 UFC/mL) sensível à enrofloxacina, ciprofloxacina, cloranfenicol, gentamicina, norfloxacina e sulfá com trimetoprim. Foi estabelecida a terapia com enrofloxacina (5 mg/kg) a cada 12 horas, e após cinco dias, o animal já não apresentava manifestações clínicas.

Resultados e Discussão: Esse caso refere-se à CE em um paciente com DRC, não diabético e não glicosúrico. A manifestação de pneumatúria e o desconforto abdominal remeteram à investigação de presença de ITU, uma vez que a isostenúria favorece sua instalação. O exame radiográfico confirmou a presença de gás no lúmen da vesícula urinária e, aliado às informações da anamnese, foram descartadas as causas iatrogênicas. Com a constatação da bactéria *Enterobacter aerogenes*, o tratamento preconizado foi baseado no consenso de infecção do trato urinário, e por se tratar de um caso de cistite complicada, pela presença de causa predisponente, ou seja, da DRC, é indicada a prescrição de antibioticoterapia por período prolongado, mínimo de 30 dias, com monitoração a cada 15 dias.

Conclusão: O histórico de pneumatúria e desconforto abdominal alerta para a busca do diagnóstico diferencial e a infecção do trato urinário em cães deve ser aventada, pois na DRC a isostenúria é fator importante de predisposição à ITU. Assim, a definição do diagnóstico é relevante para a indicação de terapia adequada, para evitar um possível agravamento, como a ocorrência de pielonefrite enfisematosa e, conseqüentemente, progressão da DRC.

SÍNDROME SEROTONINÉRGICA SECUNDÁRIA À ADMINISTRAÇÃO DE TRAMADOL EM GATO – RELATO DE CASO

CORRÊA, S. V. M.1; FERREIRA, A.2

1 Professora da Universidade Anhembis Morumbi

2 Médica-Veterinária Residente da Universidade Anhembis Morumbi

E-mail: 1correa-silvia@uol.com.br

Introdução: O cloridrato de tramadol, inibidor da receptação da serotonina, tem sido utilizado em felinos para o manejo da dor. Em humanos, o medicamento pode desencadear um quadro conhecido como síndrome serotoninérgica, caracterizado por hipersalivação, midríase, desorientação, convulsão, dispneia, taquicardia, hipertensão e hipertermia, que pode evoluir para o óbito. Em gatos, há apenas um relato dessa manifestação clínica após sobredose de tramadol. O presente trabalho relata a ocorrência de um quadro típico de síndrome serotoninérgica em felino após a administração da dose preconizada de tramadol. **Relato de caso:** Um felino, macho, SRD, 3kg, 17 anos, doente renal crônico, foi atendido no Hospital Veterinário Anhembis Morumbi com relato de anorexia, êmese, disquezia e dificuldade de deambulação. Administrou-se por via intravenosa fluidoterapia cloridrato de ranitidina (2mg/kg) e cloridrato de ondansetrona (0,5mg/kg) e, por via in-

tramuscular, cloridrato de tramadol (2mg/kg). Quatro horas depois, o animal apresentou hipersalivação e agitação, evoluindo rapidamente para midríase, desorientação, taquicardia e intensa dispneia, com queda de saturação, exigindo intubação. Diante da impossibilidade de extubação, a responsável optou por eutanásia e não autorizou a necropsia.

Discussão: O animal era acompanhado havia 14 meses, já tendo recebido todas as demais medicações administradas, exceto tramadol. Nas análises hematológica, bioquímica, eletrolítica e hemogasométrica, as únicas alterações eram a azotemia (creatinina 5,25mg/dL, ureia 196mg/dL) e hiperfosfatemia (10mg/dL). Diante do quadro e da ausência de histórico de possível intoxicação por outras substâncias, fixou-se o diagnóstico presuntivo de síndrome serotoninérgica, possivelmente agravada pela administração conjunta do tramadol com a ondansetrona (antagonista seletivo de receptor de serotonina) e pela existência de doença renal que retarda a excreção dos fármacos e de seus metabólitos. O tratamento suporte inclui oxigenioterapia, fluidoterapia, administração de antitérmicos, benzodiazepínicos e vasopressores, conforme necessário. O tratamento específico consiste em administração de ciproptadina (2mg/kg). **Conclusão:** O uso combinado de fármacos que aumentam a concentração de serotonina deve ser feito com cautela em animais nefropatas. A síndrome serotoninérgica deve estar entre os diagnósticos diferenciais para pacientes com alterações do quadro clínico após a administração de tramadol.

ATROFIA ACINAR PANCREÁTICA NÃO INFLAMATÓRIA NA ESPÉCIE FELINA

RODRIGUES, R. T. G. A.1; MEDEIROS, V. B.1; FERNANDES, K. S. B. R.1; SILVA, A. M.1; FILGUEIRA, K. D.1

Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) – Mossoró, RN
E-mail: ramon.tgar@hotmail.com

Introdução: A atrofia dos ácinos pancreáticos geralmente tem relação com o estágio terminal de uma pancreatite linfocítica. Entretanto, existem outras causas, mas de ocorrência incomum. O presente trabalho relata um caso de atrofia de pâncreas em um felino, com ausência de componentes inflamatórios. **Método/Relato de caso:** Uma gata, sem raça definida, adulta, apresentava perda de peso progressivo, anorexia e desidratação. A paciente veio a óbito, foi encaminhada para exame necroscópico e enviou-se o material obtido para análise histopatológica.

Resultados e Discussão: Durante a necropsia, a principal alteração constatada foi observada no parênquima do pâncreas, que se apresentava com dimensões reduzidas, consistência firme, irregular, com múltiplas estriações de coloração branca nas superfícies externa e de corte. A microscopia do órgão exibiu proliferação de tecido conjuntivo fibroso entre os ácinos, em torno de ductos (que se revelavam distorcidos) e ao redor das ilhotas. Não foram observadas infiltrações de células inflamatórias no parênquima pancreático ou necrose no tecido peripancreático. O quadro morfológico foi compatível com atrofia/fibrose pancreática de base não inflamatória. Na espécie felina, a atrofia do pâncreas usualmente é relacionada com a pancreatite crônica terminal, onde acima de 90% dos ácinos do órgão estão destruídos. No entanto, existem algumas etiologias distintas e infrequentes, como a obstrução do ducto pancreático e deficiência na produção da lipase pancreática. No presente relato, embora a análise histopatológica tenha eliminado a correlação com processo inflamatório, não foram detectadas outras possíveis origens para a enfermidade em questão. A hipoplasia ou aplasia pancreática congênita são referidas, mas a faixa etária da gata em evidência era incompatível com essa última hipótese. A sintomatologia da paciente em discussão foi bastante inespecífica e o óbito (provavelmente em decorrência da cronicidade da afecção) impossibilitou a investigação clínica, com exames laboratoriais de rotina e específicos, assim como a implantação de terapia. **Conclusão:** Embora insólita, a atrofia não inflamatória dos ácinos do pâncreas deve ser considerada na rotina da clínica médica de felinos, onde a confirmação precoce e *antemortem* da moléstia podem resultar em um desfecho clínico satisfatório.

HIPERADRENOCORTICISMO IATROGÊNICO SECUNDÁRIO À TERAPIA DA ANEMIA HEMOLÍTICA IMUNOMEDIADA: UMA REALIDADE NA CLÍNICA MÉDICA CANINA

RODRIGUES, R. T. G. A.1; MEDEIROS, V. B.1; FERNANDES, K. S. B. R.1; SILVA, A. M.1; FILGUEIRA, K. D.1

Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) – Mossoró, RN
E-mail: ramon.tgar@hotmail.com

Introdução: O hiperadrenocorticismismo iatrogênico resulta do uso excessivo de glicocorticoides exógenos para o controle de distúrbios alérgicos ou imunomediados. O presente trabalho relata um caso de hiperadrenocorticismismo iatrogênico decorrente de terapia para enfermidade imunológica eritrocitária em cão. **Método/Relato de caso:** Uma cadela, pit bull, com dez anos apresentou poliúria, polidipsia, polifagia e alterações cutâneas. O animal estava sendo tratado com prednisolona há um ano, após o diagnóstico de anemia